

UMA POÉTICA DO SERTÃO

IMAGINÁRIO E MEMÓRIA

ISMAEL PORDEUS JR.*

RESUMO

Este ensaio é uma leitura do livro de Oliveira Paiva, *D. Guidinha do Poço*. Procuro apreender e discutir a textualização da memória, podendo assim buscar uma aproximação com o imaginário e o cotidiano do sertão cearense, essa vasta área onde instalou-se a fazenda de criação de gado, complementar nos ciclos econômicos da Casa Grande e Senzala.

* Professor Titular de Antropologia da UFC.

A leitura dos textos literários permite realizar a relação entre significativo e significado; as palavras e as coisas, e faz brotar uma série de questões inéditas, pois não existe uma única solução.

Toda obra se renova ao contato de sensibilidades diversas, que diversamente a interpretarão. Nenhum livro é absolutamente o mesmo para toda a gente, variando as emoções que provoca segundo a idade, o estado de espírito, as condições que é lido (Miguel Pereira, 1952: 5).

Em síntese, uma obra permite várias leituras.

Buscar o imaginário do sertão em uma obra literária, é saber que a imaginação não é um fantasma que paira acima das coisas, mas que se encontra enraizada dentro da vida. O imaginário é uma conduta coletiva e individual, onde o dinamismo é comparável àquilo que permite aos grupos sociais se transformarem.

Começando pelas palavras imaginação e imaginário, sabe-se que em razão de seu passado muito antigo os dois termos são carregados de significações. À medida que estes termos são constitutivos da consciência humana, talvez por isso mesmo, suas definições jamais são dadas de modo acabado. Assim, trata-se de delimitar um aspecto da vida social, da atividade dos agentes sociais, em que as particularidades manifestam-se na diversidade de seus produtos. É nesta perspectiva que abordo *D. Guidinha do Poço*, um romance cearense que trata da presença de expressões culturais produzidas no âmbito de uma sociabilidade determinada, compreenden-

do manifestações eruditas e sertanejas.

Gostaria de lembrar que todo tema é situado historicamente e, portanto, toda compreensão é contextualizada, colocando-se num dado ponto do tempo e do espaço: não há acesso privilegiado a uma obra li-

terária que se coloque fora da história e fora de um horizonte datado de compreensão. Penso em um entendimento do modo como a história atua na compreensão – uma consciência da tensão criativa entre o contexto da obra e o do nosso tempo.

Faz-se necessário ressaltar também meu interesse em termos da memória, a minha, individual, a de uma cidade – à qual estou ligado por laços familiares – e a memória da própria comunidade, que, através da literatura, passou a ser conhecida nacionalmente. Memória individual, pois quando eu criança, meu pai – de quem herdo o nome – procurava, como historiador, identificar os personagens do romance com a história da qual tomara conhecimento ainda na infância. Nesse sentido, escreveu um trabalho, posteriormente publicado sob o título *À margem de D. Guidinha do Poço*. Ali, já no primeiro parágrafo, diz de suas motivações pelo livro:

Logo nos primeiros capítulos (...) Nos sentimos em frente a cenários que não nos eram estranhos, mas quase familiares, porque do município onde nascemos (...) Identificando velhos sertões do livro, (...) Já ouvimos relato de história algo semelhante à romanceada por Oliveira Paiva (...) De todo não era o tema versado obra ficcionista, mas história romanceada de

um triste fato, há cem anos, ocorrido naquele município, assim como de Quixeramobim eram ainda as principais personagens de que se serviu o autor (Pordeus, 1963: 5).

Tendo Pordeus nascido em 1912, o episódio ocorrido nos meados do século XIX, ainda era vivo na memória da comunidade. Mais vivo ainda, para Manuel de Oliveira Paiva, que, por questão de saúde, fez uma estadia no sertão cearense em 1888/89, permanecendo um maior tempo nessa cidade; e, inspirando-se na história oral, pesquisou nos arquivos os dados fatuais, para, em seguida, textualizar a memória concretizada no romance.

O AUTOR

Em quase todos os trabalhos acerca de *D. Guidinha do Poço*, há um reclamo geral a respeito da falta de um estudo sistemático sobre Oliveira Paiva e um apanhado de sua produção novelística e poética.

Nascido em Fortaleza, em 1861, Oliveira Paiva iniciou seus estudos *secundários* no Seminário de Crato-CE, em 1875. Pode-se supor que no seminário ele teria tido um contato mais longo com o “falar sertanejo”, que irá explorar, posteriormente, em sua novela, em oposição ao “falar citadino”. No ano seguinte, larga o seminário e, logo em seguida, parte para o Rio de Janeiro, a fim de ingressar na Escola Militar, o que, na verdade, ocorreu somente quatro anos mais tarde.

Na revista literária dos alunos daquela escola, publica sonetos e, ainda, o drama *Tal filha, Tal Esposa*. Já em 1883 é obrigado, pela doença que findará por vitimá-lo, a largar a Escola e retornar definitivamente à cidade natal. Imediatamente se engaja na campanha abolicionista, filiando-se ao jornal *O Libertador*, órgão da Sociedade Libertadora Cearense. Nesse periódico, publica contos, sonetos e crônicas de cunho político. Com outros intelectuais, funda o Clube Literário, passando a colaborar com revista do mesmo, *A Quinzena*.

Seu romance, *A Afilhada*, foi publicado em folhetins em 1889. Nesse mesmo período,

exerce o cargo de Secretário do Primeiro Governador do Estado. É nessa época, que empreende diversas viagens ao sertão, em busca do clima seco, favorável à sua saúde já bastante abalada, permanecendo por mais longo tempo em Quixeramobim, cidade escolhida também por Manoel Bandeira, anos depois, motivado por doença semelhante. Esse sertão, sua paisagem, seus costumes tradicionais, sua memória e o seu falar serão deitados na escrita em *D. Guidinha do Poço*, concluído em 1892, ano em que veio a falecer.

Em 1895, quatro capítulos aparecem na *Revista Brasileira*, e somente sessenta anos depois, é que o livro vem a ser publicado integralmente, por esforço da pesquisadora Lúcia Miguel Pereira. Como diz Sérgio Buarque de Holanda, em sua crítica literária sobre o livro que designa de “Realismo Lírico”,

ela não duvida de apresentar o escritor como uma das mais autênticas vocações de ficcionista e sobretudo de narrador que possuímos (Buarque de Holanda, 1996: 511).

A TEXTUALIZAÇÃO DA MEMÓRIA

Ao fazer uma leitura da textualização da memória a partir do livro *D. Guidinha do Poço*, estou enfrentando uma multiplicidade de estruturas narrativas complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e explícitas, pois são ao mesmo tempo, corporais, orais, tradicionais, (re)sincretizadas e deitadas na escrita.

É no sertão cearense que se passa a ação de *D. Guidinha do Poço*, primeira neta do capitão-mor da vila de Cajazeiras. Guida, conforme inventário,

possuía larga fortuna em gados, terras, ouro, escravos (...). O caso é que ela cresce com todos os pendores naturais, uns por enfrear, outros por desenvolver. Criou-se como vitela no pasto. Feiosa, entroncada, carrancuda ao menor enfado (...). Margarida era muitíssimo do seu sexo,

mas das que são pouco femininas, pouco mulheres, pouco damas e muito fêmeas. Mas aquilo tinha arte do Capiroto (p. 16). ...casada com o Major Joaquim Damião de Barros, uns dezesseis anos mais velho, um homenzarrão alto e grosso, natural de Pernambuco – uma boa alma (...) Tinha o preto-do-olho amarelo, com a menina esverdeada, semelhando um tapuru (p. 11).

Resumindo a trama narrada, um sobrinho e afilhado do Major, procedente de Pernambuco, de nome Secundino, fugindo de um crime praticado em outra província, se instala em uma das fazendas, passando a cortejar D. Guidinha, com quem vem a ter um romance. No desenrolar da história, a grande proprietária finda por mandar assassinar o marido. Descoberto o crime, vai presa na cidade onde exercia o seu mando.

À maneira de tantos naturalistas, segundo Buarque de Holanda (op. cit. p. 513), Oliveira Paiva *não se detém em não só criar tipos humanos bem definidos como os ambientes que envolvem e, de algum modo, explicam esses tipos*. Gostaria de lembrar que não estou negando a criação do autor; seu trabalho não é uma compilação do real, mas o cenário do drama existe, assim como os personagens, e fazem parte da memória de Quixeramobim, que tem seu nome trocado por Cajazeiras. Em *À Margem de D. Guidinha*, Ismael Pordeus demonstra à saciedade essas afirmações.

A linguagem sertaneja transcrita por Oliveira Paiva é posta em relevo nos diálogos que permeiam o romance e mesmo quando um personagem supõe alguma situação:

...Ó compadre quem é aquele que vem ali? Não sei Inhora não (...) Mas mode coisa é gente de Pernambuco? (...) como é a graça de Vossa Mercê? – Luís de Souza Barros, um seu criado. – Gentes! será parente de Seu Major? (...) Joaquim Damião de Barros. – Bateu, é meu tio. Pode pedir alvissaras que atras dele é que eu andava (p. 23). No dia seguinte já o Secundino se fazia de dentro (...). Corumbã ruminou que a modo que Sinbazinha andava istudando adivinhação pelas nuvens e pelas estrelas do céu,

mas mode que o espírito é que andava por outras terras (130).

Esse trecho, no próprio livro em itálico, é provavelmente para enfatizar que não passa despercebida, dos circunstantes, a relação incestuosa entre a tia e seu sobrinho afim. Mas, ao mesmo tempo, pode-se apreender não em uma palavra ou outra que pontilha o texto, mas a oralidade que o autor deitou na escrita. Através de uma análise, articulando teoria e crítica literária, como também história da cultura e da filosofia, pode se demonstrar que línguas distintas imprimem ao mecanismo da alteridade um ciclo dinâmico exportável, manifestando a necessidade de descida em si, de limites territoriais indispensáveis à identidade, como sugere Paul Zunthor (1987).

Na minha leitura, é possível perceber no texto de Oliveira Paiva, em um grau mais ou menos pronunciado, que cada língua apresenta sua própria leitura de vida. Mover-se entre as línguas, traduzir, remete à descoberta do gosto pela liberdade.

Das serrotas do Papagaio e do Batista ela via subir, cor de brasa, cor de laranja, cor de saudade, roxa toda embebida nos vapores matutinos, a luz diurna, que ia clarear mais doze horas de ausência (p. 133).

Apesar do autor ser classificado como realista, podem-se perceber as metáforas não só para descrever os amores de D. Guidinha e Secundino, mas a própria afirmação da paixão. *O sujeitinho é temeroso! Não tarda mais o Major tá de Morgado (p. 96).*

A importância das festas que rompem o cotidiano da labuta sertaneja é privilegiada na narração, principalmente naquela relativa ao santo padroeiro:

Chegara a quadra das trezenas do padroeiro, o glorioso Santo Antônio... Logo de madrugada, música em alvorada no patamar da igreja (...). Guida vestiu-se com vagar, e pichosamente (...) caminhou pela vereda, de lenço e rosário na mão. No patamar os pés-de-

poeira, os de camisa e guarda-peito, os de chinelo ou sapatão de carnal, os de pequenas condições abriam passagem à Senhora Dona Guidinha com umas caras satisfeitas de fiéis súditos (p. 71).

O aparato do vestuário, a reverência dos homens à chegada da grande proprietária mostram o prestígio e o poder patrimonial exercido pela fazendeira, que transcende a propriedade e se espalha, impregnando os poderes instituídos sem limites ao mando. Ela chega ao extremo de mandar eliminar até mesmo um membro de sua família. Não difere em essência ao poder que sofre o serralho:

Lulú Venâncio estava na terra, muito em segredo. Guida mandara busca-lo no riacho do Sangue, enquanto o demo esfregava o olho. Seá Dona, Vosmicê bem sabe que pra Vosmicê eu não me arecuso pra serviço ninhum. Eu cá estou acostumado a servir meus protetores. Dê cabo de mim ou dele: um de nos deve desaparecer (p. 129).

O mando absoluto, tal como se manifesta no Brasil, ou tantas outras designações que lhe são dadas, deve ser procurado na própria condição do ser proprietário:

– Ai minha gente, ela mó que ignorava ainda? Pois nan sabia qui tinham matado o Major Quimquim? (...) fora o Naiu que o matara. Fora aquele arrenegado, afilhado do Seu Major, que o havia forrado na pia! (p. 133) ... Guida vinha no Marreca. A um lado e outro os soldados e paisanos da escolta (...) entrou sobranceira pela rua Grande, o cavalo numa estrada alta. A chapelinha um tanto para trás, deixando a testa quase no sol (...) olhava a turba com admiração, que ao povo parecia petulância... – Olha a Naiú! La vai a Naiú! O vigário e o Juiz de direito assistiram-lhe o apear, à porta da prisão, Guida, com ar desconfiado, sorria para eles, velhos comensais dos bons tempos – Deixe, doutor. Deixe seu vigário. Este bom povo hospitaleiro da minha terra! (p. 215/6).

DEITAR NO PAPEL A MEMÓRIA

Em ensaios anteriores (Pordeus Jr., 1994, 1996), tenho insistido no processo de textualização da memória afro-brasileira por Nina Rodrigues e Manoel Querino, no princípio do século XX, e que tem tido sua continuidade, tanto nos textos acadêmicos como através de teólogos pertencentes aos grupos religiosos, voltados à divulgação e legitimação das suas práticas.

A escrita preenche duas funções nesse universo tradicional: ela assegura a transmissão de um texto, assim como o conserva. Querino, ao escrever a memória afro-brasileira, estava a colocar na escrita uma memória coletiva que havia sido sincretizada a outras memórias em um processo de decantação de quatrocentos anos de escravidão. Admitir o fato de um texto em algum momento de sua existência haver sido oral, é ter consciência de um fato histórico que não se confunde com a situação onde subsiste o traço da escrita. Mais que uma ruptura, a passagem do vocal manifesta uma convergência entre os modos de comunicação assim confrontados, o binômio voz-escritura é atravessado por tensões de oposições conflitantes. A linguagem que fixa o manuscrito permanece, potencialmente, a da comunicação direta.

Oliveira Paiva, à semelhança de outros escritores brasileiros “inventa” uma grafia, ao pôr na escrita a oralidade sertaneja. Destacando sempre a oposição erudito (dele próprio e de personagens) e o *falar sertanejo*, põe em relevo os efeitos das transformações do gênero oral e escrito. Não se trata, portanto, de uma simples transcrição; é uma relação que funciona em dois sentidos. Existe sempre uma separação entre a língua falada e a língua escrita, influenciando-se de várias maneiras, não sendo jamais idênticas, consistindo agora, a decantar a palavra coletiva. Escrever, constitui deitar no papel a voz. A modalidade da escrita condiciona a leitura

MEMÓRIA E ORALIDADE

Pode-se dizer que as faculdades da memória são reguladas; variam segundo as sociedades e mesmo segundo os grupos e indivíduos.

Nesse sentido, a distinção feita entre memória individual e memória coletiva, elaborada por Halbwachs (1994, 1992, 1994) mostra que, enquanto a memória coletiva extrai sua força e duração daquilo que ela tem como suporte, um conjunto de indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo, formando uma massa comum de lembranças apoiando-se umas sobre as outras, não semelhantes em intensidade em cada um deles, a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Esse último muda segundo o lugar que o sujeito estabelece com os outros indivíduos do seu grupo. Mas, destaque-se que a memória é trazida ao presente em um processo dinâmico de relações entre indivíduos e o meio social, constantemente reconstruídas pelos indivíduos e reinterpretadas segundo os valores vigentes.

A memória é dupla, coletivamente fonte de saber; quando apropriada pelo indivíduo permite se enriquecer. Uma mensagem escrita triunfa da dispersão espaço-temporal, por extensão, por prolongamento, de tal forma ela recobre essa dupla extensão e se dilata. Uma obra oral busca o mesmo objetivo pelos meios contrários, ela reduz a duração a um momento único: ao espaço e à unidade figurada de um único lugar afetivo.

AS CANTORIAS

Fica claro o que designo de apropriação por Oliveira Paiva na cantoria dos jograis sertanejos, a enriquecer seu texto: *Os cantadores largavam a goela no mundo, impregnando no verso a volúpia do baião*:

Todo branco quer ser rico,/Todo mulato é pimpão,/Todo cabra é feiticeiro,/ Todo caboclo é ladrão./Viva Seá Dona Guidinha,/Senhora deste sertão (p. 90).

Para enfatizar a oralidade e a musicalidade, o autor diz: *Prolongavam muito determinadas sílabas num misto de canto e de aboiado, principalmente no final do último verso. Às vezes a modulação parecia ir com aquele pinotear cadenciado do rojão*:

O fogo nasce da lenha/A lenha nasce do chão./O amor nasce dos olhos,/O afeto do coração./A ira vem de repente,/Mais a raiva vem do Cão;/Amizade vem da estima,/Do fervor a gratidão;/O home dá valimento,/Mas só Deus dá salvação.../Menina, dá-me teus braços,/Que eu te dou meu coração!/Todo letrado é ladino,/Todo frade é mandrião.../ Viva Senhor Secundino,/ Pessoa de estimação! (p. 90).

A cantoria se estende por mais duas páginas (p. 91/92), guardando as mesmas características. Ressalte-se que usualmente os cantadores estabelecem uma disputa: quem tem o último argumento, a palavra final, maior agilidade ou desenvoltura. Logo, são competidores. Nesse caso, a cantoria é puramente laudatória, está de bem com quem detém o poder. Encontramos na cantoria uma das matrizes da literatura de folhetos.

TEXTUALIZAÇÃO DA LINGUAGEM SERTANEJA

Hoje, muitos desses ditados que Oliveira Paiva textualiza em *D. Guidinha do Poço* permanecem, e continuam sendo utilizados:

Antes com pena sentir, que sem remédio chorar (p. 46); *A confiança atrai como o enredo afasta* (p. 63); *Com Deus adiante em boa hora diga* (p. 69); *Eu cá não boto água a pinto* (p. 69); *Mês de agosto, gado já solto...* (p. 78); *Se amarra o burro aonde o dono manda* (p. 78); *É queixar-se ao Sem Jeito...* (p. 111); *Boa romaria faz quem in casa está in paz* (p. 114); *Nada se faz no escuro que não suba no teiado* (p. 114); *Cá por casa outro galo lhe canta* (p. 114); *O besouro também ronca, vai-se ver não é ninguém* (p. 127); *O crime nivela como a virtude* (p. 139).

RELIGIÃO E SUAS PRÁTICAS

A religião apóia valores sociais. Isso se deve à capacidade dos seus símbolos construí-

rem o mundo no qual esses valores, assim como as forças que se opõem à sua plausibilidade, são ingredientes fundamentais. Todos os ditados e frases apanhados por Oliveira Paiva servem a essa ordenação do mundo, bem como as “orações fortes”, e mesmo as bruxarias desse “catolicismo pagão”, como penso que deveria ser designado. Nele encontra-se a ambigüidade constituinte de toda religião, categorias que se opõem mas que são complementares:

Criado seja de Deus (p. 23); *Criado seja de Maria Santíssima* (p. 24); *Mas haverá de ser o que Deus permitisse. Que sem a vontade do Homem lá de riba não cai uma folha de pé de pau* (p. 28); *Mas Deus nosso Senhor permitiu...* (p. 29); *Non se esqueça de fazer o Pelo sinal... Antes de se meter nágua! Vosmicês quando ficam homens não se importam mais com reza!* (p. 29); *...a mão da donzela, que era uma criatura formosa como Nossa Senhora da Conceição* (p. 45).

As designações do demônio variam:

Tás bebo, canhoto! (p. 42); *Você não tem medo do Tinboso com isso?* (p. 54); *O Cão também tem os seus poderes...* (p. 117); *Caiporismo dos diabos...* (p. 129).

Os feitiços e bruxarias impregnam esse “catolicismo pagão”:

Terão lbe botado feitiço... O Cão também tem os seus poderes para castigo dos pobres pecadores... Ela fez quanta urucubaca havia neste mundo. Um dia pegou nus ossos de menino pagão, que de nada lbe serviram, e desesperouse e queimou, mas o caso que queria dizer era este: que a cabra um dia fez café de sapo torrado para o menino, mas porém o menino não foi quem bebeu. Quem bebeu foram as amigas dela... (p. 117).

As orações fortes permanecem ainda hoje nas carteiras de dinheiro de habitantes das cidades:

Senhor da minha vida, Pai do Divino Cordeiro, dai-me vossa claridade para seguir os vos-

sos passos: as portas e as escadas do céu aberto para ver o Anjo da Trindade, o Cálice da Água Benta e a Hóstia Consagrada. Quem esta oração trouxer no pescoço e rezar todas as sextas-feiras não sofrerá privações algumas; estará livre de todas as pestes, fome, guerra; bala não matará, faca não furará, também nunca será preso, estará sempre livre da tentação do demônio. Rezar três padres-nossos, três ave-maria, três glória-patre, oferecidos a nosso senhor Jesus Cristo, as três horas que agonizou na cruz (p. 137).

AS FESTAS

Gostaria de ressaltar a dimensão da festa enquanto componente principal dessa religiosidade pagã. Ela é a transgressão das regras que o sagrado impõe à vida cotidiana, transgressão ritual, o que após o respeito é uma outra maneira de reconhecer o sagrado enquanto tal.

...Rabelo, promotorzinho demissionário, ouvia os pretos, enfeitados de belbutinas, lantejoulas bicos, rendas, espadas, lenços, capacetes e coroas de lata, cantar naqueles festejos do Natal chamados Congos:

– Parabéns nobres guerreiros,/ pelas vitórias alcançadas;/ foi preso rei Cariongo, /esta ilha foi tomada

Toda vez que há Congos, o rei é preso, toda vez que é eleição o governo ganha! – vo-ciferava o bacharelzinho na sua revolta de quem perdeu o pão – Eterna comédia! Desgraçado país (p. 81).

Vale ser explorado o caráter corrosivo e subversivo da festa., como vemos na extensa descrição dos festejos do padroeiro Santo Antônio, na qual ressaltai a chegada de D. Guidinha à igreja. Em outra festa: *Riscou no Poço da Moita no dia do samba, já com escuro, a fogueira começando a arder no terreiro do Silveira, cuja palboça, com uns lampiões na frente, apresentava uns ares de novena. Efetivamente havia terço antes do samba.* E ainda, a preciosa descrição

da vaquejada, com as corridas em busca de novilhos desgarrados e os jogos dos vaqueiros com seus cavalos. Gostaria de ressaltar que não encontrei explicação para a palavra **samba** designar esse tipo de festa.

UMA POÉTICA DO SERTÃO

A leitura de *D. Guidinha* nos fala de uma cultura do sertão, mas também, em seu realismo não esquece a cearensidade sertaneja; para tanto, utiliza os três ícones dessa identidade: a seca, o retirante e a hospitalidade

O calor subira despropositadamente. A roupa vinha da lavadeira grudada do sabão. A gente bebia água de todas as cores; era antes uma mistura de não sei que sais ou não de quê. O vento era quente como a rocha nua dos serrotes. A paisagem tinha um aspecto de pêlo de leão, no confuso da galharia despida e empoeirada, a perder de vista sobre as ondulações ásperas de um chão negro de detritos vegetais tostados pela morte e pelo ardor da atmosfera. As serras levantavam-se abruptamente, sem as doces transições dos contrafortes afofados de verdura (p. 17);

O pobre emigrava como as aves, que vivem ambos do suor do dia. Eram pelas estradas e pelos ranchos aquelas romarias, cargas de meninos, um pai com o filho às costas, mães com os pequenos a ganirem no bico dos peitos chupados – tudo pó, tudo boca sumida e olhos grelados, fala tênue, e de vez em quando a cabra, a derradeira cabeça do rebanho, puxada pela corda, a berrar pelos cabritos (p. 17);

Dar hospedagem era um prazer para aquela gente no isolamento rural em que vivia, como ao fino cavaleiro a prática de uma fineza ou o regalo de um bom cavalo. Emprestavam até uma certa superioridade a quem vinha de fora, numa simpleza de costumes antiquíssimos. As secas e o progresso têm, porém, apagado já algum tanto semelhantes singularidades de gente forte. A seca fez o retirante, esse ilhota (p. 31).

Esses mesmos ícones são utilizados por diversos autores cearenses, dentre eles a destacar: Rodolfo Teófilo (1890), Domingos Olímpio (1903) e o já tardio *O Quinze* (1930) da moderna Rachel de Queiroz.

Como na obra machadiana, termina-se o livro e fica-se a pensar na paisagem, nos personagens e mesmo na culpabilidade da D. Guida. Ismael Pordeus (op. cit. 143 passim), examinando alguns jornais da época mostra que Maria Francisca de Paula Lessa, de 45 anos, fora condenada a vinte anos de prisão por haver mandado assassinar o seu marido em 20 de setembro de 1853, Coronel Domingos Vitor de Abreu e Vasconcelos. Concluída a pena, continua a morar na cadeia pública e tira sua sobrevivência esmolando pelas ruas de Fortaleza. E, segundo testemunhos da época, sendo apontada como mandante da morte do marido, o que ela negava, pedindo testemunho a Deus. Pode-se supor, também, que Oliveira Paiva tenha cruzado com a mesma pelas ruas da cidade. O livro *D. Guidinha do Poço* parece confirmar o vínculo entre sociedade e literatura.

BIBLIOGRAFIA

- CAILLOIS, Roger. *L'homme et le sacré*. Paris: Gallimard, 1976
- DUVIGNAUD, Jean. *Les Imaginaires*, Paris: Union Général D'Éditions 10/18, 1976.
- _____. *Fêtes et civilisations*. Geneve, Weber, 1973.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1972.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- _____. *Ici et Là-bas: L'anthropologue comme auteur*. Paris: Métailié, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris: P.U.F., 1994.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1966.
- IZAMBERT, François. *Le sens du sacré: fête et religion populaires*. Paris: Les éditions de minuit, 1973.

- LAPLANTINE, François. *La description ethnographique*. Paris: Nathan, 1996.
- MIGUEL PEREIRA, Lúcia. *Manoel de Oliveira Paiva, in D. Guidinha do Poço*. São Paulo: Eds. Saraiva, 1952.
- OLÍMPIO, Domingos. *Luzia Homem* (1903).
- PAIVA, Oliveira M. D. *Guidinha do Poço*. São Paulo: Eds. Saraiva, 1952.
- _____. *D. Guidinha do Poço*. São Paulo: Ática, 1995.
- PALNER, Richard. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- PORDEUS, Ismael de A. *À margem de Dona Guidinha do Poço*. Fortaleza: Edições UFC, 1963.
- PORDEUS JR., Ismael. *A magia do trabalho: macumba cearense e festa de possessão*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desportos do Ceará, 1992.
- _____. *Sincretismo religioso: o ritual afro*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana, 1996.
- _____. "Percurso antropológico de heróis civilizadores". Congresso O Imaginário, prelo, Lisboa, 1994.
- _____. *La nature dans l'espace religieux du terreiro de candomblé*. Ve Colloque France - Bresil. Architecture nature. Lyon: P.U.L., 1996.
- QUERINO Manoel. *Costumes africanos no Brasil*. Biblioteca de Divulgação Científica, XV, Costumes Africanos no Brasil. Rio de Janeiro, 1980.
- STAINES, George. *Aprés Babel*. Paris: Albin Michel, 1991.
- RODRIGUES, Nina. *L'animisme fétichiste des nègre de Bahia*. 1900.
- TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, 1890.
- QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*, 1930.
- ZUMTHOR, Paul. *La lettre et la voix*. Paris: Seuil, 1987.
- _____. *Babel ou l'inachèvement*. Paris: Seuil, 1997.